

«Nas tormentas
da maledicência o
mais tranquilo é o
porto do silêncio.»

Bronteano

ANO V — N.º 115
ABRIL
28
1957

AVENÇA

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216



AFRICA

TUDO quanto se refira ao Continente Negro não pode deixar de nos tocar de perto, dado que nele estão situadas vastas e queridas parcelas do território nacional, do território deste Portugal uno, ainda que desseminado por quatro continentes.

A forma como a América vê os problemas internacionais, leva-nos, umas vezes a julgá-la como uma ingénua que tudo quer resolver com a panaceia da liberdade e outras... a encará-la como uma hábil fazedora de vãcos onde deseja ser influente. Seja como for, é conveniente que não consideremos de somos o que lá se pensa dos problemas africanos e que sobre isso nos vamos edificando...

Vem isto a propósito do que o vice-presidente dos Estados Unidos «viu», mas p'rq Duta Ferreira já fez em «A Voz» do passado dia 11 o merecido comentário, limitamo-nos a perfilar as suas palavras, transcrevendo, com vénia, o artigo do brilhante jornalista:

O Vice-Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, regressou a Washington de uma viagem de três semanas pela África e entregou ao Presidente Eisenhower um relatório oficial de 11 páginas com as conclusões que trouxe dessa viagem.

Três semanas de ausência, longe de Washington, é, para um homem com as responsabilidades e decerto com os afazeres de Nixon, tempo que lhe deve ter parecido talvez demasiado. Teria sido, pois, para ele, um sacrifício essa viagem — e sem dúvida merece louvor o seu desejo de se informar melhor e mais de perto acerca de problemas que o preocupavam e preocupam o Mundo. Mas, por outro lado, três semanas é tempo demasiadamente escasso para alguém se familiarizar com os problemas da África e para os compreender. Além disso, as viagens, como a que fez Richard Nixon, sempre entre aclamações, flores, batuques organizados em sua honra, nunca são as mais elucrativas. Muita vez, no silêncio de um gabinete, entre bons livros, aprende-se mais do que nessas viagens em que só há sorrisos...

FEIRA POPULAR



Feira Popular de FARO

É grande a expectativa e o entusiasmo em todo o Algarve por esta brilhante iniciativa da Direcção do Instituto de Assistência Social D. Francisco Gomes (Vulgo Casa dos Rapazes) e com o alto Patrocínio da Câmara Municipal do Concelho de Faro, vai realizar-se de 1 de Junho a 1 de Agosto do corrente ano, no recinto da Alameda João de Deus, uma Feira Popular, com todos os atrativos próprios de Feiras deste género: barracas de propaganda comercial e inúmeras, divertidas...

(Continuação na 4.ª página)

Nova rua da Vila

POR motivo do crescente tráfego que se vem notando na Rua Padre António Vieira, resolveu (e muito bem) a nossa Câmara Municipal completar o arruamento da Rua Marechal Gomes da Costa (transversal à Av. José da Costa Mehalha), ligando-a à Estrada Nacional n.º 270 (de Querença).

Com esta iniciativa, a todos os títulos louvável, não só (Continuação na 6.ª página)

Distribuição de prémios aos mais distintos alunos louletanos

SOB a presidência do Sr. João Ascenso Pablos, vice-presidente da Câmara, em exercício, realizou-se no passado domingo, dia 21, na sala nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene para entrega dos prémios atribuídos pela nossa edilidade aos alunos louletanos que no ano de 1956 obtiveram mais altas classificações nos diversos graus de ensino.

Como Delegado do Sr. Governador Civil, o Sr. José João Ascenso Pablos, abriu a sessão, agradecendo a compariência de todas as pessoas que ali tinham ido assistir a mais uma sessão em que se galardoava o mérito e a aplicação aos estudos dos alunos que pela sua classificação haviam merecidamente alcançado os prémios que a Câmara anualmente atribui.

o Vice-Presidente dos Estados

(Continuação na 6.ª página)

Seguidamente usou da palavra o distinto advogado louletano, Sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves, que historiou largamente — e muito bem — as diversas fases que um estudante conhece através dos vários graus de ensino durante os estudos a que se vai adaptando após o seu ingresso na escola primária e as reacções com que vai encarando o meio ambiente que o guindam à formatura.

No final, o Sr. Dr. Gonçalves foi muito aplaudido pela numerosa assistência que encheu a sala, após o que o Sr. José João Ascenso Pablos, fez a entrega dos prémios aos alunos.

(Continuação na 6.ª página)

Mãe Soberana

No cimo duma colina sobraneira à vila, ergue-se uma ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, a querida Mãe Soberana dos louletanos.

Aquele monte quase parece um trono donde a Rainha contempla os subditos, que se curvam a seus pés, Rainha que estende o seu manto azul por toda a vila, esse azul do maravilhoso céu algarvio e do mar que desde sempre tem embalado o Al-

garvio bem pode simbolizar a vida, por vezes tão difícil de escalar com seus abrolhos, mas outras juncada de pétalas de rosas de raro perfume. Sim, é esta mesma ladeira, circundada por serros íngremes de densa vegetação, onde acolá se vê um riacho, mais além árvores de aspecto quase se-

(Continuação na 4.ª página)

Problemas Assis- tenciais de Loulé

UMA OBRA

POR mais de uma vez nos temos ocupado e com inteiro aplauso, nas colunas deste jornal, acerca das actividades beneméritas e assistenciais, desenvolvidas pela Associação de Assistência à Mendicidade que Loulé se orgulha de ter dentro dos seus muros.

E sempre que o temos feito — sem vaidade jornalística, a afirmamos — tem sido, sempre, dentro daqueles limites de sinceridade e de justiça a que se não pode fugir, por se reconhecer que a Obra levada a efeito por tão prestante Associação, ser digna dos melhores reparos de quantos pelos assuntos sociais se interessam.

E' o nosso caso. Pelo que nos tem sido dado conhecer e ler, quer através dos seus relatórios, como seja pelos seus comunicados — mesmo agora temos sobre a nossa mesa de trabalho o último Relatório publicado e que respeita à gerência de 1956, que pessoa amiga nos enviou — obriga-nos a concluir de que: É UMA OBRA de elevada projeção social, aquela que a Associação (Continuação na 4.ª página)

Associação de Assistência à Mendicidade

ALGUEM que muito ama a sua terra, chamou há dias a atenção da Comissão Administrativa da Associação para o facto consolador do aspecto da vila no que respeita à indigência, e formulou os seguintes reparos:

Serão os louletanos porventura desconhecedores do que se passava nesta vila há cerca de quatro anos, em que as ruas desta linda terra eram enxameadas de bandos de pardões sujos, repelentes e maltrapilhos, que vinham de todos os pontos da Província fazer aqui o seu estendal de miséria, a maioria deles mais madraços do que indigentes, mais viciosos inveterados do que necessitados de caridoso esmola?

Desconhecerão os louletanos o martírio que as donas de casa sofriam diariamente com o contínuo bater às portas, não lhes deixando descanso nem tranquilidade para atenderem aos seus afazeres, martírio ainda exacerbado com a lamúria mentirosa de mui-

(Continuação na 6.ª página)

O MUNICIPIO e a assistência hospitalar

Do Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal recebemos o ofício que gostosamente publicamos na íntegra:

... Director do jornal «A Voz de Loulé» — Loulé

O conceituado semanário que V. Ex.º superiormente dirige, nesta sede de Concelho, insere, sob a epígrafe «Loulé em... retrato», comentário à administração municipal no sector relacionado com a participação da Câmara na assistência hospitalar local, insinuando-se que este corpo administrativo está a guindar a um plano primário a sua contribuição para o funcionamento do Hospital da nossa Vila, quando, no entender do articulista, a função assistencial a prestar é ou devia ser supletiva da função administrativa, inferindo a seguir a existência de subordinação do que considera secundário em relação ao primário, embora que interrogativamente.

Considerando injusto e desagradável o comentário e porque não é a primeira vez que tal sucede sem que a crítica tenha apoio na verdade, solicito de V. Ex.º a fineza de mandar publicar o seguinte comunicado, com vista a elucidar quantos possam ter ficado impressionados com a leitura da crónica a que aludi:

«Com vista a elucidar o público acerca da local publicada no jornal «A Voz de Loulé», no seu último número, sob a epígrafe «Loulé em... retrato», na qual se comentam deliberações últimamente tomadas, pelas quais o Município assume o encargo de pagar 15\$000 por cada doente pobre internado e por dia, no Hospital de Loulé, inferindo-se, a seguir, a existência de uma subordinação da função administrativa da Câmara à função assistencial, esclarece-se o seguinte:

a — É despesa obrigatória das Câmaras Municipais a participação nas despesas de internamento dos doentes pobres e indigentes com domicílio de socorro no Concelho; portanto, a função assistencial, em face da lei, não é supletiva, dado o carácter obrigatório que as leis vigentes lhe imprimem;

b — O preço da diácia, fixado superiormente, para hospitalização de doentes pobres, nos hospitais sub-regionais como o de Loulé, é de 30\$00, sendo 45\$00 nos Centrais, que são dos de Lisboa, Porto e Coimbra, pagando a Câmara aos Centrais 18\$00 por doente pobre e por cada dia de internamento;

c — Sua Exceléncia o Ministro tem a faculdade, que lhe é conferida pelo § 1.º do art. 8.º do Decreto-Lei n.º 39.805, de 4 de Setembro de 1954, de elevar até 50% a participação dos Municípios na diácia dos Hospitais Sub-Regionais, que é o caso do de Loulé, tendo em vista, está claro, o nível da assistência que se presta e o movimento hospitalar;

d — Aquele Ilustre Membro do Governo, por seu despacho de 18 de mês de Janeiro do ano em curso, resolveu elevar para 50%, com relação ao Concelho de Loulé, a percentagem da participação da Câmara na despesa das diárias a pagar à Santa Casa da Misericórdia local, em face da exposição fundamentada que a Mesa desta Instituição de Assistência lhe dirigiu;

e — A Câmara, tendo sido consultada pela Santa Casa da Misericórdia acerca do pedido que ia formular a Sua Exceléncia o Ministro,

(Continuação na 5.ª página)

O Sporting Clube Atlético festejou brilhantemente o seu XVIII aniversário

Decorreram com grande brilhantismo os festejos comemorativos do XVIII Aniversário da prestimosa colectividade recreativa da nossa terra que é o Sporting Clube Atlético.

Foi mais uma festa de confraternização clubista de acentuada elevação que de há muito vem caracterizando estas comemorações e que este ano tiverá a característica especial da realização dos Jogos Florais da Primavera, um acontecimento que pela 2.ª vez se regista na nossa vila.

Para início das festividades, realizou-se no dia 21 do corrente um grandioso baile numa ampla sala da rua Rainha D. Leonor, cuja excelente disposição permitiu a colocação de cerca de 100 mesas em volta do recinto de dança, e que foi largamente concorrido, dançando-se animadamente até de madrugada.

Abriu-se o baile o conhecido e apreciado «Conjunto José da Silva» do Barreiro, que mais uma vez revelou o mérito dos seus componentes.

Despertaram bastante interesse e obtiveram um considerável número de concorrentes os jogos florais que o Atlético promoveu como um dos números da comemoração de mais um aniversário. O júri, que foi presidido pelo Poeta Emiliano da Costa e era constituído pelos Drs. Teixeira Marques, Rocha Gomes e Joaquim Magalhães, apreciou cerca de cem composições que foram enviadas por algumas dezenas de interessados.

No decurso da sessão, realiza-

da no Cine-Theatro Louletano, procedeu-se à formalidade da revelação dos vencedores e dos poetas classificados, tendo-se verificado o apuramento seguinte:

Na glosa do mote, posto a concurso, da autoria do Poeta Emiliano da Costa, o primeiro lugar foi para «Ignótus» (José de Morais Lopes); foram classificados a seguir: «Adriano Lemos» (Manuel Gregório Rodrigues); Eu (não se identificou); «Bia Montanheira» (D. Maria da Conceição Elói); «Uma poeta a atrapalhada» (D. Lídia Serras Pereira); «Saudades do Silêncio» (Vivaldo Belchior).

No Soneto obteve o prémio a composição da autoria de «Hu-

(Continuação na 2.ª página)

Nova iluminação

COM o objectivo de melhorar a iluminação das principais arterias da nossa vila, foram há dias colocadas, a título de experiência, lâmpadas fluorescentes nos globos de um dos lados da Praça da República.

Contrastando flagrantemente com o antigo sistema de iluminação, mais realça a excelente luminosidade destas modernas lâmpadas, pelo que

(Continuação na 6.ª página)

Ler no próximo número

Entrevista com o Sr. Engenheiro Chefe dos Serviços de Exploração no Algarve da C. E. A. L., a propósito da ligação de Loulé à Rede de Electrificação Nacional, cujos trabalhos se encontram em vias de conclusão.

Os homens do andor

CREIO ter passado já quatro séculos que Loulé começou a prática religiosa das Festas à Mãe Soberana.

Neste longo espaço de tempo criaram-se estímulos, robusteceu-se uma crença, fortificou-se uma tradição e, susentava-se uma Fé.

Gerações sobre gerações têm dado o melhor do seu entusiasmo no transporte do peso andor da veneranda N. S. da Piedade.

A sua ermida (que há anos espera ser transformada ou substituída por Casa condigna ao prestígio religioso da Santa, problema que se arrasta já na impaciência dos louletanos) situada no cume de um serro qual pontinho branco dominando vasto e atraente horizonte, é o alvo das disputas de gerações para gerações e de ano para ano: força, músculos, vigor, prova de resistência fé e vontade.

Estes predicados não os tem quem quer; só os tem quem o Destino predistinou. Portanto há que seleccionar esses elementos privilegiados para o árduo serviço de levar ao cimo do agudo serro, o andor da Mãe Soberana.

Não é tarefa fácil. É custoso; e, de tão elevado custo, que ela já tem sido fatal.

Todavia há uma realidade de factos que carecem de ser ponderados.

A volta à vila, em passo de procissão, só por si é difícil. São mais ou menos duas (Continuação na 5.ª página)

As comemorações do aniversário do Atlético

JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA

(Continuação da 1.ª página)

milde» (D. Lídia Serras Pereira) e foram classificados por ordem os concorrentes: «Devota» (J. Morais Lopes); «Pascoela» (D. Lídia Serras Pereira); «Malgardo» (Morais Lopes) e «Pedro Sem» (Manuel Araújo).

No género: Poesia alusiva ao

Algarve foi atribuído o prémio a «Ignotus» (Morais Lopes) e as restantes classificações a: «Algarvia 100%» (D. Lídia Serras Pereira); «Forasteira» (D. Maria da Conceição Elói); «Amendoeara sem flor» (D. Maria da Conceição Ramires Santos); e «Poeta da Serra» (Vitor Castela).

Na poesia lírica o prémio coube a José Leda (Dr. Herculano de Sousa Monteiro) e foram classificados os poemas de «Ignotus» (Morais Lopes); «Rosa de cem flores» (D. Maria do Espírito Santo Rosa de Sousa); «In hoc signo vinces» (Vitor Castela); e «Brisa do Séqua» (Vivaldo Beldade).

Na quadra, o prémio foi atri-

buido a «Toutinegra» (D. Maria da Conceição Elói); as restantes classificações foram para «Violeta» (D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa); «Brisa do Séqua» (Vivaldo Beldade); «Saudades do Silêncio» (Vivaldo Beldade); «Ventoinha» (D. Lídia Serras Pereira); «Quem será, será?» (D. Lídia Serras Pereira); «Toutinegra» (D. Maria da Conceição Elói); e Anzol e Isca (D. Lídia Serras Pereira).

No final da sessão foi servido um «Porto de Honra» no salão de festas do Cine Teatro Louletano que serviu de protesto para numerosos brindes pelas pros-

peridades do Atlético.

O dia do aniversário, 24 de Abril, foi assassinado com outro baile na mesma sala e teve ain-

da maior animação.

SONETO

1.º Prémio

Mãos

Mãos que semeiam todo o loiro trigo
E vindimam os cachos que dão vinho.
Encaminham ovelhas ao pascico
Partem o pão e vão fiando o linho.

No cabo da enxada, sem abrigo,
Até o vento as beija com carinho:
Só podem ser dum coração amigo
Mãos que alisaram pedras do caminho.

Tocam a terra e a terra se transmu-

da.
Não haveria, sem a sua ajuda,

Milho na eira e uvas no lagar

Andou a luz do sol por cima dela:

Por muito feias, como ficam belas

As mãos gretadas postas a rezar!

HUMILDE

(Lídia Serras Pereira)

Poesia alusiva ao Algarve (1.º Prémio)**Algarvio****Herói da Terra e do Mar**

Se o inverno dedilha do Levante
O cantoção dos vagalhões do Mar,
Fico na terra para a perfumar
Das casas dum a enxada fecundante...
Mas chega o verão... Já eu sigo à frente
Sobre as ondas, em barco de remar...
E das trago o Pão para o meu Lar,
Como um Herói, audaz e triunfante...

E seja à beira-mar, à beira-serra,
Eu dou-me inteiramente à minha Terra,
Num esbanjar de vida e frenesim...
— Tal como eu sou, seremos todos nós...
E porque já o foram meus avós,
Serão meus filhos a depois de mim...

Ignotus
(Morais Lopes)

Faro

Poesia obrigada a mole

2.º Prémio

Viam-se por todo o lado
Amendoceiras floridas;
Hoje, de pétalas caídas,
Vê-se o chão todo lastrado.
Foi a água que choveu,
Foi o vento que soprou.
Quem pelos campos e palhou
Tanta flor que se perdeu!

Esse manto colorido
Desta província algarvia,
Deixou-nos sem alegria
Ao ficar desvanecido.
Eis aqui o que sucede
Quando chove em Fevereiro,
Neste formoso canteiro
Tanto fruto que se perde!

Amendoas, já não esperamos:
Alfarobas, se a geda
Continuar a cair — nada!
Que é do Algarve em que estamos?
Pra canseiras não estou eu;
E digo-te em voz baixinha
Que vai ser a corticinha
O que nos vale, Amor meu.

Temos que nos resignar
Co' aquilo que Deus nos deu:
Pensar que o que sucedeu
Se pode remediar.
Fazer p'ra que se não herde
Essa voz entristecida,
E crer que o melhor na vida
É a esperança — a folha verde.

Adriano de Lemos
(Manuel Gregório Rodrigues)

QUADRAS CONCORRENTES

P'ra uma moça solteira
o desporto preferido
ou é a pesca à carteira
ou é a caça ao marido...

Anzol e Isca

Tua cara é timoneira
o barco doteu decote;
Menina, dessa maneira,
quem é que não vai no bote?

Quem será, será?
(Lídia Serras Pereira)

Quem não tem magoa das magoas
De quem as chorar sinceras,
E' que nunca sentiu magoas
Das que magoam deveras.

Toutinegra
(Maria da Conceição Elói)

Anda à moda, a Leonor,
com saia muito rodada;
«o vento é bom bailador»
e não lhes digo mais nada...

Ventoinha

</div

ANO I
N.º 12
28 ABRIL
1957



Correspondência para Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140 FARO

Prefácio para a alegria

SÓZINHA estive até há pouco. Agora não. Estão aqui todos, à minha volta, a lerem comigo a tua carta de hoje — que era um molho de violetas roxas — a sujarem-me o chão de reflexos, a fazerem pintura com os crisântemos da jarda e o sol lá de fóra.

Há quem ache estranho que em vez de um namorado tenha o sorriso de *Florbel* dentro da moldura amarela da minha mesa de cabeceira.

Sózinha nunca estarei jamais. O primeiro amigo trouxe este mimo, uma vez que eu estive doente. Chamava-se *Rui de Carvalho* e entrou com uma dor de dentes e um descarramento que me fez sofrer. Nunca mais o larguei. Depois veio o *Menino do Sinal* com o *Pascoais* pela mão e mais o *Leão Penedo*, o *António Sérgio*... Olha, a nossa família toda, afinal.

Andamos a trabalhar, como tu sabes. Mas nos intervalos das contas do ofício ainda temos tempo para nos sorrirmos.

As vezes organizamos grandes cocktails e garden-parties. Até parecemos gente rica. Ficamos a arrasar de felicidade e beleza. Cada um leva aquilo que tem. Quem dás quase sempre a relva para as nossas partidas é o *Miguel*; o *Pascoais* acende muitas estrelas a fingir de luz e o *Sebastião da Gama* é o árbitro... das elegâncias? Qual, qual! A gente nem quer saber disso. Esquecemo-nos sempre. E só nisto, eu já tenho dito, é que não parecemos ricos. Eles pensam muito mais nos fatos que no prazer das reuniões. Nós, não. Quando eu me sento na relva e eles surgem de todos os lados: da moldura, de cima da mesa, da estante e até de parte nenhuma, nem nos lembramos de mais nada só com a alegria de conversar. E se tu soubesses partidas que a gente faz!

Uma vez quisemos crescer o filho da *Bia Calatá*, e demos-lhe tudo o que a mãe tinha sonhado dentro da esperança antes dele nascer. Ehi! se tu visses os olhos pasmados do moço quando viu tanto alegre e tanto rosmaninho a darem flor só para ele!

Mesmo em frente da cama tenho um Cristo a sorrir-me. Não lhe dou velas, nem lamparina. De dia, ofereço-lhe Sol. De noite, luz elétrica ou luar. E só o que tenho. À direita Dilei um menino de *Modigliani* à esquerda um bocado de prados verdes onde paçam vaquinhas, o ar é fresco e cheio de ritmo e cor e onde há cavalos de crinas ao vento e malmequeres traíçoeiros à expectativa dos namorados. Tudo isto dentro de um quadro pequenino que o *Chagall* pintou para mim.

Cristo é muito meu amigo. Ainda há quem tenha coragem de o negar.

Se visses o que Ele me tem ensinado! Olha: um dia destes eu não tive dinheiro para o almoço. E tinha fome. Uma fatia de fiambre com um ramo de salsa em cima roía-me dentro do cérebro. Cheguei a eles, os meus amigos inseparáveis — mas tão sem nada como eu — estavam com um ar que impressionava. Só o *Pascoais*, esse coitado, ainda nem vira que eram horas do almoço. Ainda não se convenceu que o sonho não enche o estomago a ninguém.

Foi então que Cristo me falou. Pois. Tu não te admiras. Sabes que é verdade. Mais digo-te que há por ai muito boa gente, desses que têm almoço todos os dias, que não acreditam.

— Maria Rosa, dóem-me as mãos!

E eu só me o estomago, pensei. Mas não disse nada para não o entristecer. E olhei para Ele. Era verdade. Tinham as mãos todas cheias de sangue e suor. Peguei-lhes o melhor que sabia e fiquei-me encostada a elas. Depois repeti:

— Senhor! Tenho fome!

E chorei. Crisântemos, tinha. Mas eram amargos. Mesmo que os comesse o que me falaria de eternidade depois? Os crisântemos são as flores dos mortos.

— Senhor! Tenho fome, repeti. Repeti e esperei. Sabia que só Ele me faria o milagre. Ele sempre quem nos tem resolvido as situações difíceis. E daí a bocadinho, su-pensas das suas mãos chagadas eu vi (eu a eles todos) as naturezas mortas do *Cézanne*, transformarem-se num almoço variado, colorido, saudoso, que até me encchia os olhos de lágrimas.

O MEU GRANDE E HUMILDE AMIGO DE TODAS AS HORAS!...

Deixa-os não acreditarem em ti!

Deixa-os continuar duvidando que aqui, neste quarto sem portas para os amigos invisíveis e bons, se almoça e fica farto, nos dias em que não há nem uma molécula de presença material!

Deixa-os duvidar que aqui, num quarto de 120\$00 de renda, cabemos todos e cantamos e somos felizes!

Deixa-os continuar insultando *Florbel* por viver aqui, em promiscuidade com nós todos! Eles nunca saberão que aqui dentro ela é a TORRE DE MENGEM na planície onde cresce o pão que os faz obssos!

Deixa-os a acender velas dentro do seu temor de inferno!

Ainda um longo o dia em que compreenderão que Tu preferes o Sol e os Crisântemos, a Sinceridade e o Amor Verdadeiro, a tudo o resto.

Dóem-te as mãos, Cristo? Eu sei e acredito. Por isso mesmo vejo quanto grande é a tua bondade em nos estenderes.

apesar do sangue,
apesar das feridas,
os frutos sumarentos do Cézanne.

Por isso mesmo é que aqui dentro, Tu és força de nós todos.

Olha, até o *Casimiro* esqueceu a sua ironia magoada, a sua raiva por tudo o que não está bem e não pode ser corrigido e, com os olhos cheios de lágrimas, te está oferecendo o último poema.

Acita-o. Amigo! — é só o que temos para Te dar.

A tua carta de hoje é um molho de violetas roxas. E se te contei tudo isto da nossa vida íntima e ignorada é para que percebas que o perfume das violetas, das violetas que memandas junto de cada palavra, me faz bem.

E gostava que viesses um dia para junto de nós.

Gostava a que tivesses tempo para abandonar o teu elmo e a tua couraça das batalhas sem história, e rodavias glórias — e um dia aparecesse com a surpresa da tua presença esperada desde o princípio do sonho.

Dávamos todos as mãos e íamos passear pela Vida.

E havíamos de colher um braçado de AMOR e PAZ para fazer um licor que embriagasse toda a gente.

Até os que duvidam de Cristo e dos Poetas que se chamam irmãos...

Maria Rosa Colaço

RECORTES

Chove tanto!
Cada um de nós é um ilhéu — ilhotas flutuantes em mares profundos e larguissimos de solidão. De abandono.

Variável solidão: ora alvoracada e tempestuosa, ansiosa, insatisfeita, ora morta. Mas companheira eterna; poeira, névoa que de certos olhos jamais se afasta, jamais se dissipia.

Bloqueada pela gripe e pela chuva...

Dias inteiros, nem sei se curtos se longos, inteiros sombrios, apagados, solitários, sem ouvir uma voz, enjoada do falso lirismo literário e sequiosa não sei de quê, ainda. Ainda viva; não parece impossível? Derrotada, amputada quase de sentimentos e sentidos, mas como um rabo de lagartixa, inconscientemente fremente, agitada.

Irene Lisboa

Do livro «O Pouco e o Muito»

Um Poema de



Helder Martins

Quem turvou a águia límpida e serena do lago
onde a minha aurora se banhou,
e me prendeu na penumbra
onde o reflexo, mórbido e pálido, traz sinfonias crepusculares
que são cinzas, névoas
que o tempo evapora?
Quem ousou guiar-me ao campo
onde legiões imploram a queda da bandeira esfarapada
que se desfralda caprichosamente,
e me roubou aquilo
que eu jamais possuí? Quem?
QUEM FOI?

Faro, 1957

Poema para suspender do nada que me envolve...

Homenagem a Celina Ferreira

No limar amargo de palavras vivas
antevendo espadas enfim salvadoras
afiladas até ao impossível
vou deixando atraç de mim
vou deixando não sei de mim
esta solidão depois multiplicada
ao contacto imutável do nevoeiro envolvente

Ah estes braços abertos
sonambolicamente abertos
irremediavelmente abertos
num vaguar infinito pelo reino do Nada
procurando a taça fértil do amor

esse Amor que é pássaros num céu sem fim
e águas dum azul finalmente marinho
esse Amor plantado nas velas brancas e silenciosas
nos astros e nos sorrisos felizes
na brancura dos beijos cristalinos
e na paz sincera da verdadeira ausência
esse Amor transformado em violinos
bandeiras desfraldadas
ofertas virginais
e nesta dor imensa
indefinível
que é também amor
porque nasce do meu desejo de amar

«O Amor bastava Celina
e seria o bálsamo suave
para a nova poesia!»

Mas o Amor
mais do que pássaros e velas e beijos e violinos
mais do que esta dor indefinível e monstruosa
mais do que esta ausência de mim
é essa multidão de símbolos idealizados
que passam mais além dos meus braços ansiosos
e ceifam a esperança sem lágrimas nos olhos

O Amor Celina
é este amaro e sempre renovado e limpido DESEJO
de suspênd-lo nos dedos, nos olhos, nos cabelos, nos lábios
e pintá-los depois
entre as raízes puras minhas e verdes
que teimam em brotar-me do coração

O Amor Celina
seria a minha solidão sepultada
no paraíso impossível
onde as bandeiras brancas nascessem espontaneamente

Entretanto
esta dor negra e secular
esta busca ansiosa de espadas na virgindade espacial
despertam em mim
o desejo puro de repartir-me
em reflexos deste impalpável NADA que me tortura!

CASIMIRO DE BRITO

A Juventude

A juventude não é uma época da vida, mas sim, um estadio d'alma. Não significa fases rosadas nem pernas ágeis.

Juventude é força no desejo, vigor na imaginação; o desejo de aventura acima do trivial e fácil; é enfim, o renascer das fundas raízes da vida, que marcam nossos passos ativos e fecundos com o selo inconfundível da ação.

O tempo; no seu eterno vai e vem, não rouba a juventude. São os desenganos, o tédio, o desencanto, os largos e tristes anos imisericordes que a todos envelhece.

Se cada manhã renascemos à alegria e em nossos corações — como uma fonte de ilusões — guardamos um pouco de fé, de esperança e de otimismo, para sempre haveremos de florescer. — [Do «Boletim Odontológico Mexicano»].

Uma noite de fome

Um conto de José Guerreiro

EU tinha naquela idade um apetite devorador. Comia de tudo. E com prazer. Era habitualmente o último, dentre duzentos, a sair do refeitório. Estávamos no racionamento e sómente nos davam um pão a cada refeição. Para mim, tal ração era pequena. Mal o professor regente dava ordens de sair, ia pelas mesas à cata de pão: das sobras. Voltava sempre com as mãos cheias e recomeçava a comer. Cheguei a ter fama de comilão e isso lisonjeava-me. Ser diferente dos outros era para mim motivo de satisfação, mórteme quando tais diferenças originavam a admiração dos meus colegas. O certo é que comia muito, porque tinha apetite. Sentia necessidade. Muitas vezes desassobiadamente aguardava a hora das refeições. Sentia mal estar. Tinha fome. Eram momentos aborrecidos, quase insuportáveis. Uma hora antes, começava a consultar o relógio. Cada minuto que passava parecia-me sei lá o quê. Um dia. Nesses momentos procurava adivinhar do que constaria a refeição. Ocorriam-me os pratos mais agradáveis. Imaginava outros que supunha serem deliciosos.

Foi nessa fase da minha vida que um dia passei sem jantar. Hoje não dáia importância ao facto. Naquele tempo, porém, tal acontecimento foi um desastre. Devo-o a padre Conceição. Estávamos na Quaresma. Tinha chegado a altura das confissões. Educado religiosamente, sentia a fé esboçar-se. O problema religioso tornara-se-me confuso. Assaltavam-me dúvidas. Perguntas a que não respondia. Era uma outra a luz que ao longe despontava. A luz da razão. Nas aulas falaram da confissão, da comunhão. Eu é que nunca mais me lembrei de tal. Nesse dia dirigia-me ao meu quarto, a fim de me preparar para o jantar (não já vinha pensando há muito), quando me saiu no caminho padre Conceição. A capela era pegada e padre Conceição procurou arrastar-me até lá. Falava-me com docura e tratava-me por «meu filho». Como não o seguisse prontamente, abrigou-me a sentar-me a seu lado, nuns degraus que antecediam a porta da capela. Começou por falar da confissão, do seu significado e do que ela representava para os católicos. Ouvia-o com enfado. Era no entanto importante para reagir e quando padre Conceição me perguntava se percebia, dizia-lhe que sim. Não podia nem sabia defender-me. Naquela altura, trocei do padre. Na sua presença não exteriorizava o riso, é claro. Hoje admiro a sinceridade de padre Conceição, a convicção com que me falava. Vejo quanto ele sofria por eu não seguir o caminho que me indicava.

— Andá, vem confessar-te.

A hora do jantar aproximava-se. Não queria chegar fora da hora. Se dissesse que não me confessava, decerto padre Conceição recomendaria o discurso e eu perderia o jantar. Isso nunca.

Tenho de ir jantar, senhor prior.

— Tens tempo, ainda faltam vinte minutos. A confissão é rápida. — Não queria passar fome. Três minutos depois da hora, fechava o refeitório. Disse que sim, que me confessaria. Padre Conceição entrou na capela. Fui atras. Há muito que não entrava numa igreja. A caminho do confessionário, passei por uma porta que ligava com as camaratas. Meti por ela. Fugí para o quarto.

Cai na cama às gorgulhas. O último toque para o jantar, tirou-me daquele delírio. Censurei-me por lhe ter dito que sim, por ter fugido. Fora corde. Como enfrentar agora padre Conceição? Esprei-te pela janela. Lá estava ele à minha espera. Senti vergonha. Procedera como uma criança. Como ir jantar sem passar por padre Conceição? Pensei em ir pedir-lhe desculpa. Seria a solução. Se assim fosse acabaria por confessar-me. Impossível.

— Se não tivesse sido corde, se não me tivesse faltado a coragem, não estava agora em apuros. Por que o enganei? Por que não disse que não queria confessar?

Impôs nível também encarar-me com ele. O que lhe diria? padre Conceição podia insultar-me e tinha razão. Eu nada poderia dizer: seria mais uma vez corde. Resolvi não sair do quarto. Preferia passar fome a sofrer o vexame de ser insultado por um padre. Mas não seria sinal de fraqueza? Não. Reconhecermos os nossos erros não será antes o melhor sinal de força, de vida? Eu reconhecia o mal que tinha feito, mas o que não queria era estender a mão à palmatória. Orgulhoso.

Quando padre Conceição se foi embora já era tarde para eu ir jantar. Fiquei sem comer. Chorei de fome. E de raiva. Mas não guardo rancor a padre Conceição. O único culpado fui eu.

Porto, 1957.

José Guerreiro

«SER responsável é ser livre; não há responsabilidade sem liberdade; livre para deliberar, livre para resolver e livre para executar. Quantas vezes a liberdade falta total ou parcialmente em algumas destas operações. A razão tem o principal papel na deliberação, mas na resolução e sobretudo na execução é a vontade que domina. Os fracos de vontade, os tibios e os medrosos não têm o gosto da responsabilidade. É um dos atributos principais da dignidade humana, este gosto de se ser responsável, de assumir a responsabilidade. É sinal de vigor e de capacidade», — Dr. Serras e Silva

Movimento Prisma

Nem tudo são rosas, no caminho das flores. E há outros caminhos, das pedras, das sinfonias crepusculares do Helder Martins, da ausência desse Amor que atormenta Celina Ferreira, a Maria Rosa, todos os poetas do mundo; nem todos são de flores, os caminhos do mundo...

Prisma também tem um caminho a vencer. O resto não importa, não importam os pedaços vencidos nem as dificuldades atropeladas. Porém o amanhã, o nosso amanhã, tem de ser construído com a força multiplicada do nosso hoje.

Tudo isto pode parecer quase nada. Penso o mesmo, quando vislumbo o que falta realizar; não penso tal, quando recordo as feridas desta batalha...

Urge

UMA OBRA

(Continuação da 1.ª página)

de Assistencia a Mendicidade tem realizado.

Desde o seu início logo simpatizou com as suas actividades, por elas tenderem e encaminhar-se para um fim digno e humano: «o acabar com a mendicidade nas ruas da vila».

A ideia, não sem os seus ressabos de amargor para alguns e de desinteresse para outros, frutificou, ultrapassando o previsto até.

Loulé deixou — outra coisa não era de esperar — de assistir a tão triste espetáculo que antes se observava. E isto, devido à humana compreensão da sua população, ajudando a Comissão — para quem vão os nossos louvores — a desempenhar-se da tarefa a que meteu ombros.

Pode Loulé orgulhar-se de tão benemérita Obra, que só foi possível pela colaboração desvanecedora prestada pelos seus filhos, os que nela residem, como os que lá fora mourem-se de cada dia.

Pelo Relatório se verifica o desejo da Associação em construir um Refeitório, pois que tem já uma inte-

IMPRESSOS
ECONÓMICOS
RÁPIDOS
PERFEITOS
Executam-se na
Gráfica Louletana

Telefone 216
LOULÉ

ressante importância para começar: 50.000\$00.

Depreende-se que a Obra não para e antes prossegue na senda de uma melhor organização e eficiência.

E não deve mesmo parar por ela estar dentro do âmbito social a que é preciso dar maior impulso e evolução, jamais num mundo incendiário e em convulsões desvairadas como ao que presentemente se assiste.

Vestir, agasalhar e alimentar a velhice alquebrada e necessitada, é um Bem que nunca as mãos de quem o pratica deviam fazer.

Todas as pessoas de bem, sobretudo os que PODEM, não devem recusar aquele auxílio que vai contribuir para amparar os que percorreram a Caminhada da Vida, sem os bafejos da Fortuna.

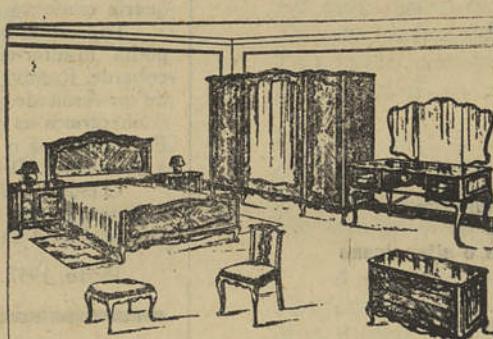
Sem dúvida alguma, a Obra da Associação de Assistência à Mendicidade, de Loulé, é: **uma obra admirável e digna de ser ajudada.**

Obra essa que devia ser seguida por outras terras do nosso Algarve, onde ainda existe a indústria da pedincha, e que já é tempo de ser eliminada!!!

Luís S. Peres

Cofre portátil
VENDE-SE

Informa-se nesta redacção.



Não compre
Mobílias ou adornos
para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO
(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

gente do famoso produto **SYNTECO**

(que resolve o problema do enceramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa

Mas tudo tem o seu fim, e nós respirámos fundo, na suposição de que, termina a obra, teríamos as mãos livres para o trabalho, e conduzíramos com alma nova o arado sobre o campo. O pior é que o violento donatário nos ordenou que plantássemos no prazo de um mês um caminho sombreado por faias adultas, tiradas da floresta de Munneberg. Só por um milagre poderemos executar tal obrigação num prazo tão curto, e com gado fraco que nos faz falta à nossa vida; mas, mesmo que o consigamos, de nada servirá; os nossos campos não poderão ser agricultados e tudo morrerá de fome, isto, no caso de o trabalho nos não matar antes. Coragem para levar a notícia para casa, também a não temos, porque não convém sacudir para cima da velha miséria mais esta desgraça.

O caçador mostrou uma cara compassiva, ergueu a mão esquerda, descarnada e preta, e, com gesto ameaçador para a residência dos senhores, murmurou umas palavras incompreensíveis contra tamanha tirania. Mas ele ali estava para os livras daquele beco sem saída. As suas juntas, únicas no país, haviam de conduzir, desde a floresta de Sumis até ao castelo, as faias adultas, para gáudio deles e para pirraça ao desnaturado cavaleiro; como compensação, pedia apenas uma coisa deminuta.

Os campões estenderam o pescoço, quando ouviram esta inesperada oferta. Se eles estivessem de acordo quanto à paga, salvos estavam, pois tudo se concertaria, sem roubarem tempo aos seus trabalhos de campo nem perigarem as suas vidas. E o velhote entusiasmado, interrogou: «Diz o que queres para chegarmos a um acôrdo». O caçador fez uma careta, a sua barbicha rangeu como um jornal ao ser rasgado, os olhos faiscaram como o olhar dum a serpente, e um sorriso sinistro apareceu em ambos os cantos da boca. «Não quer muito», disse ele; «não quero mais nada senão uma criança para baptizar».

Estas palavras penetraram nos ouvidos dos pobrezitos, como um raio; foi como se uma vinda lhes caísse dos olhos. E, como uma moinha num rodopio, assoprada por boca invisível, assim eles foram dispersos pelo susto...

Após isto, o caçador soltou uma gargalhada arrissante, tão cruel que os peixes horrorizados se esconderam nas grutas mais fundas dos regatos, as aves procuraram as ramagens mais densas do bosque; mágicamente tremula a pena do chapéu, e para baixo e para cima vibrava a sua barbicha ruiva.

«Refilam bem! Ou procurem conselho nas vossas mulheres; na terça-feira encontrar-me-eis aqui outra vez», atirava ele aos fugitivos numa voz cortante e tão inesquecível, que as palavras ficaram

Não compre

Automovel ou Furgoneta sem consultar

Manuel Rodrigues

Martins (ANICA)

LOULÉ

que tem ao vosso dispor:

Taunus Utilitária — impecável — Série 20;

Standard — em bom estado

— Série 13;

Anglia — barato — Série 13;

Borgward — estado nova;

Furgoneta, 600 kgs. — barata.

Estes veículos podem ser vistos na:

Garagem Avenida

Telef. 135 **LOULÉ**

Sempre novos modelos

Sempre as melhores condições

Caixotaria Carmona L. da

Caixas marcadas a cores, ao gosto do cliente, para todas as mercadorias.

Rua Acácio Barradas, 24

Telef. 23825

SETÚBAL

Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora

Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injeções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257 **LOULÉ**

Visado pela Com. Censura

Mãe Soberana

(Continuação da 1.ª página)

cular, aqui um rebanho com um pastor, que ao cair da tarde se ajoelha e ergue as suas preces ao Céu, reprodução viva daquele maravilhoso quadro, que é o Anjelus, é esta mesma ladeira que serve de cenário a uma grande manifestação de fé — a marcha triunfal da sua escalada, momento culminante, que faz vibrar até mesmo aqueles que se dizem descrentes, e a que poucos poderão assistir sem algo de emoção, de alegria e de fé, e até mesmo aqueles vivas tão espontâneos traduzem o entusiasmo e a fé do povo, desse povo simples, que tanto a venera.

A multidão que há pouco cobria a ladeira, começa a dispersar-se, até esta ficar só como outrora, só no sentido de despedida de seres humanos, mas tão preenchida com a presença majestosa da Mãe Soberana, que daí continua a lançar o seu olhar pela vila e as bênçãos de Mãe que nunca pode esquecer os filhos.

Uma Serrana

CASA

VENDE-SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo **LOULÉ**



Não se interrogue

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiar los à **Gráfica Louletana — Loulé**

Máquinas modernas
Tipos novos e elegantes
Meticulosa execução

CASA

VENDE-SE um prédio com 6 divisões e varanda. Armazém ao lado, com cavalaria, na Rua da Piedade.

Tratar com António ou Manuel Martins Laginha — Loulé.

Associação de Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

tos dos mendigos, industriais da pedincha que nunca quizeram dedicar-se a qualquer espécie de trabalho, porque entendiam que os habitantes da localidade tinham obrigação de os alimentar e sustentar nos seus vícios?

Não se recordarão de que essa mancha era a mácula que nos envergonhava como terra civilizada e progressiva, a ponto de causar a maior repulsa o que se via nas principais ruas e praças da vila, rebaixando-a na escala social?

Estarão esquecidos de que voluntária e livremente, como um imperativo de consciência, se reuniram as pessoas caridosas e moralmente bem formadas da vila, a que se juntaram de uma forma altamente nobilitante muitos louletanos residentes pelo País fora, nas províncias ultramarinas e no estrangeiro, para acabar com tal estado de coisas?

Não estarão recordados de que esta Associação não trouxe novos encargos para ninguém, pois todos se subcreveram livre e dignamente com as importâncias que já distribuíram pelos pobres e necessitados e que, fugir a essa contribuição, é sumamente censurável e não tem desculpa nem justificação de qualquer espécie?

Será que se pretenda voltar ao antigo?

Estes reparos parecem-nos justos e a nós, Comissão, cumprirnos a pena de acrescentar que todos os louletanos associados, com raríssimas exceções, continuam a honrar a sua assinatura da forma mais brillante e louvável, sendo verdadeiramente impressante a verba que se cobra mensalmente e que é inteiramente aplicada à alimentação dos indigentes, como se demonstra pelas contas publicadas.

Conta a Comissão com a ajuda de todos os louletanos de boa vontade e espírito caritativo, para que possa prosseguir nesta admirável tarefa que já está dando os seus prodígios frutos: desapareceram os bando de mendigos nem sempre necessitados; sustentam-se e ajudam-se os pobres recatada e cristicamente; não tem aumentado o número de vadios que se entregavam à mendicidade, e muitos procuram no trabalho honesto e morigerado o que habitualmente pediam à ociosidade e ao vício.

Porém, não devemos esquecer-nos: pobres haverá sempre, e nós temos de pensar em socorrer aqueles que, pela velhice ou enfermidade, não po-

dem grangear o sustento diário.

A nossa missão é obscura, apagada, desconhecida, portentosa, mas não pára.

Para isso contamos sempre com a ajuda dos louletanos, naturais e residentes, e estamos certos de que ela nos não faltará.

Se alguém não é ainda nosso associado, que acorra pronta, generosa e deliberadamente a fazê-lo, que a sua atitude só merecerá gratidão e louvores.

A COMISSÃO

Feira Popular

(Continuação da 1.ª página)

mentos de toda a ordem, comidas e bebidas, refrescos, e um simpático recinto de dança e variedades.

Tudo se conjuga para que aquele recinto que será feericamente iluminado tenha forte animação.

E cremos bem que assim será, pois a concorrência de numeroso público estimulará a venda e a propaganda de produtos expostos, e todos irão contribuir para uma obra cristã, que necessita do apoio moral e material de todos.

Trata-se na verdade de uma instituição de largo alcance social e humanitário.

Crianças desamparadas da vida, recebem ali uma preparação para a vida que doutra forma, não lhes poderia ser ministrada. E assim dos seus actuais 130 internados, 35 frequentam a Escola Técnica e Comercial da cidade, preparamos para mais eficiente e competente mente viram a ser os bons profissionais, 40 ainda na idade escolar frequentam no próprio instituto as quatro classes, os restantes mais velhos criando hábitos de trabalho e de adaptação à vida estão colocados em várias casas comerciais e industriais da cidade.

Nesta pequena nota se poderá verificar o muito que a instituição produz em prol da juventude que amanhã será útil à Pátria em que nasceu.

O seu lema é elucidativo: *Dos perdidos de hoje fazer homens de amanhã.*

E que ninguém lhes regateie o seu incentivo e o seu apoio material.

Empregada

Precisa estabelecimento comercial.

Nesta redacção se informa.

outra paga fizesse o serviço? Em nada prejudicaria as suas almas, porque o benefício era só para o castelo. Sentia-se cada vez mais enraizada, por não saber ao menos avaliar como seria a cara do Santanaz, mas não chorava; os seus desabafos eram uns regougos rançosos e palavrões desabridos contra o próprio marido e contra todos os outros timoratos.

Nodá seguente, quando o alarido de dôr se foi desfazendo numa murmuração angustiosa os aldeões reuniram-se para procurar conselho e não encontraram nenhum. Pensou-se primeiro em demover o descorajado senhor, mas tudo se aterrou de pavor, porque a nenhum parecia que o seu corpo estivesse tão próximo da podridão. Alvitrou outro que se mandasse as mulheres e os filhos com gemidos e lágrimas implorar-lhe compaixão, mas depressa tudo emudeceu, quando se sentavam ao pé dos homens em conselho. E ninguém atinava com uma saída razoável; o remédio seria sujeitarem-se àquela degradante obediência, e confiarem em Deus; missas não faltariam para que o Seu auxílio não lhes fugisse. Segredavam-se aos vizinhos reunidos nocturnas, porque à luz do dia era impossível fazê-las. Acordaram por fim em se rezarem no serviço; metade trabalharia no arranque das faias e a outra semearia a aveia e trataria do gado. Contavam desta maneira, se Deus os ajudasse, transportar diariamente da floresta para o castelo, pelo menos três faias; do caçador ninguém falou e, nem sequer pensou nêle, isso não ficou registado. No momento oportuno todos os indicados para o trabalho na floresta aprontaram os gados e carros e, quando o primeiro dia de maio chegou ao seu limiar, os homens juntaram-se em Munneberg e começaram o trabalho com energia. As faias tinham que se escavavam em volta, num largo círculo, para que as raízes nada sofressem, e era preciso arreá-las cautelosamente sobre a terra, para que não houvessem a mínima bencida.

Além da ramagem, ainda a manha não ia alta no céu, e já três faias estavam prontas para seguir; era preciso que fossem conduzidas todas ao mesmo tempo, para que houvesse ligação no auxílio quer com os braços quer com os animais, naquela caminhada cheia de dificuldades. Mas o sol estava no meio dia e ainda não tinham saído da floresta

Os homens do andor

(Continuação da 1.ª página)

hras (e mais) de sacrifício aturado que sobrecarrega cito homens que suportam o grande peso do artístico e lindo andor, com a sua Santa Imagem de fino recorte escultural e de um semelhante martirizado pela Dor da Morte de seu querido Filho que transporta no colo. Depois, há, no resto do percurso, a parte mais delicada da melindrosa tarefa — a escalada do serro.

Na mistura, na confusão, na desorganização religiosa para se admitir a organização profana; no ávontade da tal prova de resistência e na força de músculos; na corrida doida, louca, vibrante de entusiasmo e de redobrada Fé; de um contágio electrizante que submete todos—crentes, curiosos, indiferentes—ao mesmo delírio e ao mesmo anseio de verem passo por passo, na ascenção do caminho da Santa Casa de N. S.ª, crescer a vibração do Povo em movimentos, vivas, acenos e gritos, é preciso que, nesta parte do ordinário marche, se tomem as medidas que o caso requer e, até mesmo—arrojo me a tal propor—, se modifique a prática que se tem seguido até hoje.

E' desumanamente a tradição de se exigir que os mesmos homens levem, a passo de marcha, desde o Convento de Stº António até à ermida, sem os necessários descansos, o andor da Nossa S.ª.

Como já ficou dito, isso já custou o sacrifício de vida de um bom amigo meu, eleito da minha geração.

Mas também cortar-se, no melhor de todos os entusiasmos, quando o Povo grita e as almas se sensibilizam até às lágrimas por verem o movimento crescente do poder e vigor, fervor e alucinação que faz com que se veja a Imagem sorrir-se de satisfação por ver-se conduzida ao carinho da sua Santa Casa, e, repentinamente, cair-se num desagrado vel arrefecimento, num vazio que imobiliza todo o ponto culminante do entusiasmo que se vive, é, quanto me é dado poder afirmar, matar todo o esplendor da escalada. Parar a corrida quando ela é mais frenética—ao virar da Cruz, ou pouco mais, da ingreme subida—é, possivelmente, tirar-se-lhe todo o valor, todo o poder de contágio que impulsiona a enorme multidão.

Mas não me esqueço do que presenciei no ano passado.

Precisamente o homem mais forte que suportava—como os demais—o peso do andor, foi

AGÊNCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes
e vistos Consulares**Rafael Almeida Santos**

R. DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação
para AUTOMÓVEIS, MOTORISTAS

e candidatos a

CONDUTORES

4 AGÊNCIA MAIS
CONHECIDA NO

TELEFONES

SUL DO PAÍS

Escrítorio 2206

Residência 2768

MODERNIZE OS SEUS IMPRESSOS

Confiando a sua execução à

Gráfica Louletana

Telefone 216 — LOULÉ

Transportes de Carga Louletana, Lda



Largo Tenente Cabeças — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Participamos aos nossos estimados clientes que desde 1 de Abril que funcionam os serviços da nossa Agência em Olhão, situada na Avenida 5 de Outubro, 22-A — Telefone 193.

A propósito de... Novos assinantes

Regosijo e gratidão... são palavras bem expressivas... E no entanto...

Cortar, como já disse, o entusiasmo febril no meio da sua rigorosa acção, não; mas também exigir-se demasiado sacrifício humano, também não. Como harmonizar dois pontos opostos?

Em lugar dos oito homens de sempre, fazer-se uma mobilização de dezasseis: oito para o percurso processional em todo o trajecto da vila até ao Convento de Santo António. Aqui, a paragem, a preparação para a escalada, e, os outros 8 homens folgados, encorajados, tomando conta do sacrifício já muito atenuado, levarem num só jacto, a Nossa Senhora até à sua Santa Casa. Poderá ser?

Aqui fica a sugestão aos homens do andor da Nossa Mãe Soberana.

Pedro de Freitas

Prédio

VENDE-SE, em Quarteira, bem situado, com 7 amplas divisões, dispondo de todo o conforto moderno, grande quintal com figueiras, amendoeiras e parreiras e cisterna.

Facilita-se o pagamento.

Tratar com Maria das Dores C. Farrajota Quarteira.

Fem o chique de PARIS
E a TÉCNICA DA SUISSA
OS RELOGIOS CAMY

Agência em LOULÉ

Laginha & Ramos, Lda

Telefone 69

VENDEM-SE

Uma bicicleta motorizada marca Sachs.

Duas balanças décimais, sendo uma de 250 Kgs. e outra de 100 Kgs.

Cerca de 100 sacos usados.

Um engenho de ferro para nora.

Um carro de bebé.

Tratar com Virgílio da Costa Mariano, Rua Padre António Vieira.

LOULÉ

VENDE-SE

4 máquinas Singer

1 de tipo correeiro.
3 de tipo sapateiro, sendo 1 de braço.

1 cilíndrica, e outra tipo alfaiate.

1 Balança A Pessoa.

Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

O Municipio e a assistência hospitalar em Loulé

(Continuação da 1.ª página)

tro, com base nas disposições legais vigentes, estudou o assunto e deliberou, por unanimidade, por considerar justa a pretensão, em vista de assim se possibilitar a manutenção de um nível de assistência hospitalar no nosso Concelho, que não tem paralelo no Algarve e na grande maioria dos concelhos do País, o que é motivo de orgulho para os louletanos, dar o seu acordo à pretensão;

f — Para deferimento da pretensão da Santa Casa da Misericórdia Sua Excelência o Ministro não precisava de obter o acordo da Câmara, no entanto, a Mesa da mencionada Instituição de Assistência teve a amabilidade de nos consultar, como já se disse, tendo este corpo administrativo tomado a deliberação cujo teor se junta, para ser publicada, a qual é suficientemente clara para elucidar quantos, alheios ao assunto, possam, pela leitura do comentário, ter dúvidas sobre a pureza da administração que se pratica na nossa edilidade;

g — Evidentemente que a Câmara vê com o maior interesse e simpatia o incremento que está tendo o movimento do nosso Hospital e o nível de assistência que aí se está prestando, sem que se percam de vista os outros sectores da vida municipal não atribuindo ao sector assistencial verbos desproporcionados como parece dar a entender o articulista de «Loulé em... retrato».

Grato pelo acolhimento e atenção que V. Ex.ª se dignar prestar a este esclarecimento, subscrevo-me com os meus melhores cumprimentos

A bem da Nação

Loulé, 24 de Abril de 1957
O Vice-Presidente da Câmara, em Exercício
José João Ascensão Pablos

PARTE DA ACTA DA REUNIÃO ORDINARIA DA CAMARA MUNICIPAL DE LOULÉ, REALIZADA EM 8 DE NOVEMBRO DE 1956:

EXPEDIENTE

Foi lida a seguinte correspondência, ácerca da qual a Câmara deliberou, por unanimidade, como vai indicado:

DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LOULÉ — o ofício número quatrocentos e trinta e cinco, datado de dois do mês em curso, pelo qual chama a atenção da Câmara para o movimento que passou a ter o seu Hospital após ter assumido a sua direcção clínica o ilustre cirurgião Doutor Manuel Soares Cabeças. Com a orientação dada a este estabelecimento hospitalar do Concelho, poucos doentes necessitaram de recorrer aos serviços de outros hospitais extra-concelhios. Um tal movimento e incremento no desenvolvimento hospitalar acarretou, necessariamente, um aumento de despesas que não será possível suportar para manter o ritmo normal de tratamentos sem uma contribuição mais substancial da Câmara que actualmente é de seis escudos por doente internado e por dia, importância correspondente a vinte por cento da diária, tal como se estipula no Decreto-Lei número trinta e nove mil oitocentos e cinco, de quatro de Setembro de mil novecentos cinquenta e quatro. Termina por pedir o acordo da Câmara no sentido de ser aumentada a percentagem de vinte por cento, actualmente em vigor, para cincuenta por cento de cada diária, a fim de ser o assunto submetido à aprovação de Sua Excelência o Ministro do Interior, ao abrigo da parte final do parágrafo primeiro do artigo octavo do aludido diploma legal. A Câmara, ponderando o assunto e contrastando que, de futuro, a maioria dos doentes cujas guias eram passadas a favor dos Hospitais Civis de Lisboa passam a ser a favor do Hospital de Loulé e considerando que mesmo elevando a sua contribuição para cincuenta por cento de cada diária, mesmo assim, essa importância ainda é inferior, em três escudos, ao que paga pelos doentes internados nos Hospitais Centrais, considerando ainda que no internamento em Loulé não tem despesas com transportes de doentes, acrescentando ainda o facto de que na sua terra, os mesmos doentes, terão o amparo moral da família, factor que importa tomar em conta por influir no seu estado de espírito, a Câmara, considerando também que não deve haver um aumento no encargo total a suportar anualmente com o tratamento de doentes pobres com domicílio de socorro no Concelho, deliberou, por unanimidade, dar seu acordo ao pedido formulado pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia, antecedentemente mencionado.

Nada mais contém esta parte da acta que se relacione com este assunto.

Está conforme

Loulé, 24 de Abril de 1957

O Chefe da Secretaria da Câmara
António Joaquim de Almeida

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia



MOBILIAR

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis

Colchões MOLAFLEX

Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIARAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador

O DIA 1.º DE MAIO EM ALTE

Estão despertando vivo interesse as festividades que vão realizar-se no dia 1.º de Maio nesta pitoresca aldeia do nosso concelho.

Notícias pessoais

Aniversários

Fazem anos em Abril:

Em 25, a sr.^a D. Maria José do Nascimento Pedro e o menino Marcos Farrajota de Sousa Mariano.

Em 26, os srs. José António Oliveira e Sousa, e António José Oliveira e Sousa e o menino Gregory Alec Pina Pontes, residente nos E. U. A.

Em 27, a menina Pedrina Santana dos Santos, e a sr.^a D. Zélia Rico Santana.

Em 28, o sr. João Maria Martins da Silva e D. Isabel Margarida Mendonça Garcia.

Fazem anos em Maio:

Em 2, o sr. Sebastião Seruca Martins, residente em Lisboa, e o sr. Manuel de Sousa Campina, residente na Venezuela.

Em 3, a menina Maria do Carmo Pinto Lima.

Em 4, a menina Dorval Rodrigues Carrilho.

Em 6, a sr.^a D. Aura Laginha dos Ramos Guerreiro, a menina Maria Isabel Judice Pontes e o menino Francisco José de Barros Ferro.

Em 7, a sr.^a D. Maria Luisa Marques da Costa Rocheta, residente em Lisboa, e a menina Vitalina Coelho Rocha.

Partidas e chegadas

— Acompanhado de sua irmã, sr.^a D. Maria Apolinária Macias Marques, esteve em Loulé o nosso conterrâneo sr. Dr. Lélio Macias Marques, distinto Médico Estomatologista na Capital.

— Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Isabel Leitão Cortes Alçada Cirdoso, esteve entre nós o sr. Dr. Francisco António Alçada Gonçalves Cardoso, nosso prezado assinante em Coimbra.

— Com seus filhos, sr. Victor Vianas Pinto Lopes, e sr.^a Dr. D. Líbânia Vianas Pinto Lopes, estiveram entre nós o sr. Joaquim Hipólito Vianas Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo e assinante em Lisboa e sua esposa sr. D. Maria da Piedade Vianas Pinto Lopes.

— Na companhia de sua filha, esteve em Loulé a sr.^a D. Isaura Maria da Luz Ramos, nossa prezada conterrânea, residente em Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Sebastião Martins Seruca, nosso prezado assinante no Barreiro.

— Por ter assumido a chefia da Delegação Geral do Norte do Instituto Luso-Farmacêutico, transferiu a sua residência para o Porto o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João de Brito Vicente, que prestava serviço na Delegação de Coimbra daquele importante Laboratório.

Casamentos

No Igreja da Luz de Tavira, uniram-se pelos sagrados laços do matrimónio, no passado dia 14, a sr.^a D. Maria Fernanda Aquiá Ferreira, professora oficial na Fuzeta, irmã do nosso prezado amigo, sr. José Leandro Maria Ferreira, chefe da estação dos C. T. T. de Loulé, com o sr. João Duarte Martins, professor oficial em Olhão.

Foram padrinhos, pela noiva o sr. António Lá, industrial em Faro e sua esposa: pelo noivo, o sr. Dr. Silvino

Feira de Abril

Realiza-se hoje dia 28, na nossa vila, a tradicional Feira de Abril, que nos últimos anos tem diminuído de valor.

Câmara Municipal de Loulé

Recenseamento Eleitoral

A V I S O

António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé, torna público, nos termos do art.º 18.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio próximo futuro se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas do expediente, o recenseamento eleitoral do Presidente da República e da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1957, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar até 15 do mês de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art.º 19.º da citada Lei n.º 2.015.

Câmara Municipal de Loulé, 26 de Abril de 1957.

O Chefe da Secretaria,

António Joaquim de Almeida

A Voz de Loulé

MONUMENTO AO DR. BERNARDO LOPES

Damos com muito gosto nota de mais subscrições recebidas:

Transporte.....	27.331\$70
Manuel da Costa Gonçalves, Johannesburg	76\$00
— África Sul	5\$00
Manuel Diogo Sebastião, Almancil	20\$00
Francisco Pinto Carrusca, Igreja, Almancil	20\$00
Sérgio Gonçalves Caetano, Almancil	10\$00
Sociedade Recreativa Almancilense	50\$00
José Diogo Barão Almancil	5\$00
Manuel Galvão, Almancil	10\$00
António Pires Fragoso, Almancil	20\$00
Henrique das Dores Neves, Almancil	5\$00
José Dias da Palma, Almancil	10\$000
Francisco de Sousa Bispo, Almancil	5\$00
José Mendes, Almancil	10\$00
	27.577\$70

Eduardo Rafael Pinto Júnior

Faleceu na sua residência de Lisboa, para onde seguira há cerca de 2 meses, devido ao agravamento do estado de saúde, o sr. Eduardo Rafael Pinto Júnior, industrial e proprietário, de 63 anos de idade, natural de Loulé e há muitos anos vivendo na Luz de Tavira na Quinta de Nossa Senhora de Fátima, em Amorim Gonçalves.

Apadrinharam o acto, da parte da noiva, a sr.^a D. Maria Isette Baptista Grade, operadora dos C. T. T. em Loulé, gentil filha do sr. José do Espírito Santo, industrial, e da sr. D. Maria de Sousa Baptista, com o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Manuel Mestre Zacarias, 2. Sargento do Batalhão de Teleg. f.s.s., filho do sr. José de Sousa Zacarias, ausente no Brasil e da sr.^a D. Maria da Luz Silvestre.

Apadrinharam o acto, da parte da noiva, a sr.^a D. Maria da Luz Mestre Zacarias, irmã do noivo e esposa do sr. José Gonçalves Silva, ausente na Venezuela e o tio da noiva, sr. Joaquim de Sousa Neto, proprietário em Loulé.

Da parte do noivo, sua irmã a sr. D. Vitória Mestre Zacarias, esposa do sr. Joaquim Mariano Calço, ausente na Venezuela, e o tio da noiva, o nosso prezado assinante sr. Manuel Nunes Floro, industrial de automóveis de aluguer na praça de Loulé.

Aos novos casais apresenta a «A Voz de Loulé» as suas felicitações, com os votos de uma perene lua de mel.

ALUGA-SE

Um armazém na Rua dos Arcos (próximo do Paralelo 38). Tratar com José Cabrita Cortes.

Mecanização da Lavoura

ESTÁ publicada, em folheto, a palestra que o sr. eng.º agrônomo Eduardo Veiga de Araújo proferiu há tempo em Vila Franca de Xira, em defesa da mecanização da lavoura, da substituição do boi de trabalho pelo tractor, a monda química, da ceifeira-debulhadora, etc., e em que propõe a realização de uma campanha em favor do «homem da terra».

João Pereira de Freitas

EM palavras repassadas de saudade e que se vê bem traduzirem o doloroso sentir de quem escreve, notícia o nosso prezado colega «A Nossa Terra» o falecimento do seu Director, sr. João Pereira de Freitas, ocorrido em 9 de Abril corrente.

Por tão infunso acontecimento, que enlutou o concelho de Cascais, onde o extinto era figura de relevo e seu acérrimo defensor, apresenta a «A Voz de Loulé» a expressão sincera do seu profundo pesar.

Cartaz da Semana CINEMA

Domingo, 28 — Homens em casaco e Abril em Portugal, com Amália Rodrigues, António dos Santos e J. Lane.

2.º feira, 29 — O Indomável, Locutor Atómico e Visita da Rainha Isabel a Portugal.

FUTEBOL

Domingo, 28 — No Estádio da Campina, pelas 15.30 horas:

Juventude S. Atlético Futebol C. Almancilense

A's 17 horas:

Barreiras Brancas F. Clube Sport Lisboa e Campina

BAILES

Domingo, 5 de Maio — Na Sociedade Recreativa Artística Louletana, abrilhantado pela Orquestra Atlântico Farense, de Faro.

Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanentes:

dia 28 — Farmácia — Pinto	
29 — " — Madeira	
30 — " — Santos	
31 — " — Confiança	
1 — " — Pinheiro	
2 — " — Pinto	
3 — " — Madeira	
4 — " — Santos	

Casamento

Português com 25 anos de idade residente no Canadá, deseja corresponder-se, para fins matrimoniais, com rapariga nova, simpática e com algumas habilitações literárias.

Dirigir correspondência e enviar foto para Firmino Jerónimo, Box 134 Oliver B. C. — CANADA.

Festa nas Benfarras

Neste populoso sítio da freguesia de Boliqueime realiza-se no dia 1 de Maio uma interessante festa, com um não menos interessante programa e o louvável intuito de angariar fundos para melhorar um caminho da região, pelo que auguramos farta concorrência.

Distribuição de prémios

(Continuação da 1.ª página)

nos cujos nomes a seguir publicamos:

Antonieta Bento Casa Nova, natural de Boliqueime, filha do sr. Joaquim Rodrigues Casa Nova e da sr.^a D. Emilia Gomes, aluna do 3.º ano de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências de Lisboa — «Prémio Salazar», 1.500\$00.

Carminda Maria Mariano Cavaco, natural de Boliqueime, filha do sr. José Guerreiro Cavaco de As. ensaio e da sr.^a D. Maria Sequeira — «Prémio Duarte Pacheco», 1.000\$00.

José Rosa Semião, natural de Quarteira, filho do sr. Manuel Henrique Semião e da sr.^a D. Emilia Rosa — «Prémio Monsenhor Freitas Barros», 1.000\$00.

Amâncio José Guerreiro Rodrigues, natural de Quarteira, filho do sr. José Alferes Rodrigues — «Prémio Professor Cabrita da Silva», 500\$00.

Todos os alunos mereceram vibrantes palmas de felicitações, a que igualmente nos associamos, não apenas para lhes dirigir os nossos sinceros parabéns, como também para lhes desejar que, nos anos que faltam para alcançar os seus objectivos, continuem sendo merecedores do justo prémio que lhes foi concedido.

Como nota curiosa há a notar a circunstância de este ano não ter sido premiado nenhum aluno da vila... todos os prémios foram para freguesias rurais!

Nova rua da Vila

(Continuação da 1.ª página)

se consegue o descongestionamento do trânsito na Rua Padre António Vieira e na Av. Marechal Carmona, como se torna mais rápida e mais fácil a ligação da vila com aquela Estrada Nacional.

Com mais esta rua aberta ao trânsito, alarga-se o campo para a construção de habitações num local que está mesmo a convidar os srs. construtores a começarem as obras...

ÁFRICA

(Continuação da 1.ª página)

dos Unidos, com a experiência que lhe deu a sua viagem de três semanas, acrescenta:

«A África possui um esco de proeminentes «leaders» nativos. Os Estados Unidos precisam de os conhecer, de os compreender e de os apoiar».

Mas conhecê-los, para quê? Compreendê-los, porque? Apoiá-los, contra quem?

Todavia, o que mais choca, pelo que tem de ilógico, é o dilema que ressalta das considerações de Nixon: ou a independência (apoiaida pelos Estados Unidos) ou o comunismo (favorecido, evidentemente, pela União Soviética). Felizmente, ainda a Europa livre não abdicou tanto da sua missão civilizadora que não possa encontrar para o problema outras soluções — soluções europeias.

Alliás, o problema só o será para alguns. Portugal ignora-o. A solução portuguesa está desde há muito encontrada: nem independência, nem colonialismo — integração.

Que a fórmula corresponde a realidades e se lhes ajusta, prova-o a paz em que se vive nas províncias ultramarinas portuguesas precisamente os territórios, em toda a África, onde o comunismo menos se infiltrou — onde o comunismo, praticamente, nem existe sequer...

DUTRA FARIA



TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL
CONTINUAM a disputar-se com crescente entusiasmo os jogos do Torneio Popular de Futebol, que está despertando vivo interesse entre adeptos da modalidade, que comparecem largamente aos jogos realizados no Estádio da Campina.

Creemos poder dizer que se trata dum felz iniciativa do reverendo Padre Luis (Coadjutor da freguesia de S. Sebastião) que assim pretende ministrar aos seus jovens paroquianos uma tanto quanto possível cuidada preparação física, proporcionando lhes simultaneamente aquela educação moral de que a nossa mocidade anda tão carecida.

E a atestar que esses objectivos têm sido amplamente alcançados, evidencia-se o ambiente de simpatia de que aquele bondoso sacerdote se tem visto rodeado, tanto pelos componentes do Grupo «Os Leões», que organizou e orienta, como por parte da população da nossa vila, que igualmente o estima e admira.

Disputaram se no passado domingo mais dois jogos a contar para o Torneio.

No primeiro jogo defrontaram-se: Unidos — Ponto Azul. Se bem que os Unidos aliaram com d'z elemos apenas,